

ALTHUSSER NA PENA DE HOBBSAWM: MARXISMO OCIDENTAL, TEORICISMO E EDUCAÇÃO

John Weyne Maia Vasconcelos¹

RESUMO

Este artigo examina a leitura que Eric Hobsbawm realiza de Louis Althusser em *Como Mudar o Mundo* (2011), situando essa análise no quadro mais amplo do marxismo ocidental e de suas repercussões no campo educacional. A pesquisa adota como procedimento metodológico central a leitura "a contrapelo", de inspiração benjaminiana, e se fundamenta no materialismo histórico-dialético. O problema que orienta a investigação pode ser formulado nos seguintes termos: em que medida a crítica hobsbawniana ao teoricismo althusseriano ilumina tanto os limites quanto a produtividade do instrumental analítico de Althusser para a compreensão da educação contemporânea? O artigo reconstrói o percurso historiográfico de Hobsbawm, analisa os pontos de convergência e divergência com a filosofia althusseriana — especialmente no que diz respeito ao corte epistemológico, à noção de prática teórica e ao bloqueio da recepção gramsciana na América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: Althusser. Marxismo Ocidental. Educação e Ideologia.

ALTHUSSER THROUGH HOBBSAWM'S PEN: WESTERN MARXISM, THEORETICISM AND EDUCATION

RESUME

This article examines Eric Hobsbawm's reading of Louis Althusser in *How to Change the World* (2011), situating this analysis within the broader framework of Western Marxism and its repercussions in the field of education. The central methodological procedure adopted is the Benjaminian "reading against the grain" (*Lesen gegen den Strich*), grounded in historical-dialectical materialism. The guiding research problem may be formulated as follows: to what extent does Hobsbawm's critique of Althusserian theoreticism illuminate both the limits and the productivity of Althusser's analytical tools for understanding contemporary education? The article reconstructs Hobsbawm's historiographical trajectory, analyses convergences and divergences with Althusserian philosophy — particularly regarding the epistemological break, the notion of theoretical practice, and the blockage of Gramscian reception in Latin America.

KEYWORDS: Althusser. Western Marxism. Education and Ideology.

¹John Weyne Maia Vasconcelos é mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), na linha de pesquisa Trabalho e Educação. Desenvolve estudos sobre mercantilização da educação, hegemonia burguesa, políticas educacionais e pensamento marxista, com ênfase nas contribuições de Gramsci, Althusser e na Pedagogia Histórico-Crítica. É professor da rede pública municipal de Fortaleza e dirigente sindical do Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação do Ceará (SINDIUTE). E-mail: john.weyne.m.v@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9459-4708>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4437813056086281>.

INTRODUÇÃO

A recepção de Louis Althusser na tradição marxista do século XX constitui um dos episódios mais reveladores da história intelectual da esquerda — não apenas pelas contribuições filosóficas que suscitou, mas pelos equívocos, bloqueios e desvios que também engendrou. Nenhum inventário dessa recepção pode prescindir do testemunho de Eric Hobsbawm, o historiador marxista britânico que, em *Como Mudar o Mundo: Marx e o Marxismo, 1840–2011* (2011), oferece uma leitura ao mesmo tempo precisa e parcial do lugar de Althusser na história do marxismo. Essa parcialidade não é um defeito a ser corrigido, mas uma condição a ser reconhecida e analiticamente produtiva: ela revela, pela via da crítica historiográfica, tanto os limites do althusserianismo quanto os do empirismo histórico que o avalia.

O presente artigo propõe-se a examinar essa leitura hobsbawniana, confrontando-a com a trajetória filosófica de Althusser e com suas consequências no campo educacional, em especial na tradição crítica brasileira. O procedimento metodológico que orienta a análise é a leitura "*a contrapelo*" — noção extraída das Teses Sobre o Conceito de História de Walter Benjamin² — que consiste em extrair de um texto mais do que ele declara explicitamente, interrogando os silêncios, as lacunas e as determinações históricas que conformam sua superfície argumentativa. Aplicado ao encontro Hobsbawm-Althusser, esse procedimento permite compreender, simultaneamente, a pertinência e os limites de ambas as perspectivas para a análise da educação contemporânea.

O problema que orienta a investigação pode ser formulado nos seguintes termos: em que medida a crítica hobsbawniana ao teorismo althusseriano ilumina tanto os limites quanto a produtividade do instrumental analítico de Althusser — particularmente a teoria dos Aparelhos Ideológicos de Estado — para a compreensão dos processos de mercantilização da educação no capitalismo contemporâneo? Para respondê-lo, o artigo percorre quatro movimentos analíticos: a reconstrução do contexto historiográfico e intelectual em que Hobsbawm situa Althusser; a análise da filosofia althusseriana em seus contornos e tensões internas; o exame da recepção

²A noção de leitura "*a contrapelo*" é explicitada por Benjamin na tese VII de Sobre o Conceito de História: "Não existe documento de cultura que não seja também um documento de barbárie" (Benjamin, 1985, p. 225). Lida a contrapelo, a obra de Althusser pode revelar, nos interstícios de suas próprias limitações, a crítica que não logra formular explicitamente.

de Althusser no Brasil e no campo educacional, com ênfase nas críticas de Saviani e Frigotto; e a avaliação da atualidade do instrumental althusseriano para a compreensão da mercantilização da educação.

A fundamentação teórica da análise articula Marx, Engels, Althusser, Gramsci, Benjamin, Hobsbawm e Perry Anderson com a tradição crítica brasileira, produzindo um diálogo que recusa tanto a reabilitação acrítica quanto a liquidação sumária do pensamento althusseriano. O que se busca é, precisamente, uma síntese crítica que preserve o potencial analítico da filosofia althusseriana enquanto enfrenta honestamente os seus limites constitutivos.

HOBSBAWM E A ARQUITETURA DO MARXISMO OCIDENTAL

Eric John Ernest Hobsbawm (1917–2012) ocupa uma posição singular na historiografia do século XX: a de um intelectual marxista que jamais abdicou do referencial teórico de Marx sem se converter em apologista do comunismo realmente existente. Sua formação no Grupo de Historiadores do Partido Comunista Britânico — que reunia, entre outros, E. P. Thompson, Christopher Hill e Maurice Dobb — orientava-o para uma história social de base empírica, comprometida com a análise das classes subalternas e dos movimentos sociais. Essa tradição produziu algumas das obras mais inovadoras da historiografia marxista anglófona do pós-guerra, deslocando o centro da análise do Estado e das elites para o mundo do trabalho, da cultura popular e da resistência coletiva.

Essa postura metodológica transparece com nitidez em *Como Mudar o Mundo*, publicado em 2011 como síntese tardia de décadas de reflexão sobre o pensamento marxista (Hobsbawm, 2011). A obra não é uma introdução didática ao marxismo nem uma defesa panfletária de suas teses; é, antes, um exercício de historiografia intelectual — um mapeamento da trajetória das ideias marxistas desde a juventude de Marx até os primeiros anos do século XXI, atento tanto à recepção quanto à deformação, tanto à fertilidade quanto à esterilidade de determinadas leituras. O método que Hobsbawm mobiliza pode ser qualificado como historiografia das ideias com viés sociológico: interessa-lhe não apenas o conteúdo das formulações teóricas, mas as condições sociais de sua produção, circulação e recepção, bem como os efeitos políticos que geraram.

Para compreender o lugar de Althusser nessa historiografia, é necessário reconstruir o contexto intelectual em que sua filosofia emergiu. O conceito de "marxismo ocidental" — formulado por Maurice Merleau-Ponty e sistematizado por Perry Anderson em obra de referência obrigatória (Anderson, 1989) — designa uma inflexão fundamental no interior da tradição marxista do século XX: o deslocamento progressivo do eixo teórico da economia política e da estratégia revolucionária para a filosofia, a estética e a teoria da cultura.³ Esse deslocamento não foi gratuito; foi, ao contrário, a resposta intelectual de uma geração de marxistas europeus que, confrontados com a derrota das revoluções ocidentais nos anos 1920 e com o horror do stalinismo, encontraram no trabalho filosófico uma forma de preservar o potencial crítico do marxismo sem comprometê-lo com as práticas do socialismo realmente existente.

Hobsbawm situa com precisão o momento histórico em que esse deslocamento se aprofundou: o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, de 1956, no qual Khrushchov denunciou os crimes de Stalin. Para uma fração significativa dos intelectuais marxistas, a resposta a essa crise foi a renovação teórica: retornar a Marx — ao Marx não mediado pela vulgarização stalinista — e reconstruir, a partir das fontes primárias, uma filosofia marxista capaz de fundamentar a crítica tanto do capitalismo quanto do socialismo burocrático. A tensão que atravessa toda a avaliação hobsbawniana do marxismo ocidental pode ser formulada nos seguintes termos: entre a sofisticação teórica que permitiu ao marxismo sobreviver intelectualmente ao stalinismo e a "pura teorização" que o converteu, em certos momentos, num discurso autorreferencial, incapaz de iluminar as transformações do capitalismo real⁴ (Hobsbawm, 2011, p. 15).

É necessária, porém, uma advertência metodológica que percorrerá toda a análise subsequente. A crítica de Hobsbawm a Althusser é ela própria uma fonte histórica — e, portanto, não neutra. O historiador britânico fala de uma posição teórico-política determinada: a de um marxista empirista, profundamente desconfiante do que

³Anderson distingue o marxismo ocidental do marxismo clássico — o de Marx, Engels, Lênin, Luxemburgo, Trotski, Gramsci — precisamente pelo deslocamento do centro de gravidade teórico da política e da economia para a filosofia e a estética, fenômeno que ele associa ao isolamento dos intelectuais marxistas em relação aos movimentos operários reais (ANDERSON, 1989, p. 17-32).

⁴A expressão "pura teorização" é utilizada por Hobsbawm para designar o risco permanente que o marxismo ocidental corria ao se afastar da análise histórica concreta. Para o historiador, o marxismo que não demonstra sua operatividade no exame do real tende à logomaquia — a uma disputa de palavras que perde o contato com o mundo que pretende transformar.

denomina "teoricismo" continental, formado numa tradição que atribui à análise concreta e à práxis histórica uma primazia que o estruturalismo francês tendia a recusar. Reconhecer esse posicionamento não invalida a crítica hobsbawniana — ao contrário, enriquece-a. Lê-la a contrapelo é extrair dela mais do que declara explicitamente: é fazer da crítica historiográfica um instrumento para compreender, paradoxalmente, não apenas os limites de Althusser, mas também os de seu crítico.

A FILOSOFIA ALTHUSSERIANA: CONTORNOS, INSTRUMENTOS E TENSÕES

Louis Althusser (1918–1990) construiu uma das filosofias marxistas mais rigorosas e controversas do século XX, a partir de uma operação dupla de releitura: uma leitura sintomática de Marx⁵ e uma apropriação seletiva de conceitos oriundos da epistemologia francesa — em especial de Gaston Bachelard e Georges Canguilhem — e da psicanálise lacaniana. O resultado foi um sistema filosófico que reivindicava ao mesmo tempo a cientificidade do marxismo maduro e a ruptura radical com o humanismo ideológico que, segundo Althusser, obscurecia a compreensão da estrutura social capitalista.

O núcleo do antihumanismo teórico althusseriano reside na recusa do sujeito como categoria fundante da análise social. Para Althusser, o humanismo marxista — que colocava a essência humana, a alienação e a emancipação no centro da crítica de Marx — era uma leitura ideológica que projetava sobre o Marx maduro categorias que pertenciam ao período de formação filosófica, anterior à ruptura científica de *O Capital*. O marxismo científico não trata de homens concretos e de suas necessidades, mas de estruturas, de relações de produção, de formações sociais — entidades que têm uma lógica própria irredutível à soma das ações e intenções individuais. É nesse sentido que Althusser afirma, em *Pour Marx*, que o marxismo maduro constitui uma "ciência nova", cujo objeto — o modo de produção capitalista — só se torna visível quando se abandona o terreno da ideologia humanista (Althusser, 1979).

⁵A *lecture symptomale* — leitura sintomática — é o método que Althusser desenvolve a partir da psicanálise lacaniana e da epistemologia bachelardiana: trata-se de ler um texto não pelo que ele diz, mas pelo que ele não diz, pelas lacunas e silêncios que revelam a estrutura profunda de sua problemática. O próprio Althusser reconhecerá, em *Elementos de Autocrítica* (1974), os excessos racionalistas dessa metodologia.

A noção de "corte epistemológico" (*coupure épistémologique*), apropriada de Bachelard, é o instrumento pelo qual Althusser opera essa distinção, localizando nos anos 1845–1846 — com *A Ideologia Alemã* e as *Teses sobre Feuerbach* — o momento em que Marx abandona o humanismo feuerbachiano e inaugura o materialismo histórico como ciência das formações sociais (Marx; Engels, 2009). Contra essa periodização, Hobsbawm sustenta que "nada disso aconteceu" no sentido de uma ruptura radical (Hobsbawm, 2011, p. 108): o que existe é um desenvolvimento, uma transformação progressiva do pensamento marxiano, não uma descontinuidade epistemológica que exigiria tratar os dois Marx como autores praticamente distintos. A divergência não é meramente filológica; é uma opção teórico-política. A tese da *coupure* permite a Althusser rejeitar as leituras humanistas de Marx — particularmente aquelas que buscavam no jovem Marx uma fundamentação ética do socialismo — e fundar o marxismo como ciência rigorosa, imune às contaminações do idealismo burguês. Essa operação tem seu preço: ao expulsar o humanismo do marxismo maduro, Althusser também lhe subtrai a dimensão de projeto emancipatório ancorado na experiência concreta dos sujeitos históricos.

O conceito de sobredeterminação (*surdétermination*) — emprestado da psicanálise freudiana — é a tentativa althusseriana de superar o economicismo vulgar que reduzia a superestrutura a mero reflexo da base econômica. Para Althusser, a contradição em toda formação social é sempre sobredeterminada: ela nunca ocorre em estado puro, mas sempre inscrita num conjunto de circunstâncias históricas que a modificam e condensam. A eficácia causal de uma formação social é, portanto, a eficácia de um todo complexo estruturado, no qual a instância econômica determina "em última instância" — mas nunca unicamente — o movimento do conjunto.

É, contudo, o conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) que constitui a contribuição althusseriana de maior impacto direto para o campo educacional (Althusser, 2007). Publicado originalmente em 1970, esse texto parte da questão marxista da reprodução das relações de produção para chegar à tese de que essa reprodução se efetua sobretudo pela ideologia, que os AIE têm por função assegurar. A lista althusseriana inclui a família, a Igreja, os partidos políticos e — de forma central — o aparelho escolar, designado como o AIE dominante nas formações sociais capitalistas avançadas. A escola, para Althusser, assegura de forma mais

eficaz a reprodução ideológica do capitalismo precisamente porque opera em segredo — sob a aparência da neutralidade e da transmissão do conhecimento. É nela que os indivíduos são inculcados com as regras do bom comportamento que convém a cada agente da divisão social do trabalho; é nela que são reproduzidas as relações de exploração capitalistas sob a forma da submissão à ideologia dominante.

Essa conclusão conecta-se com a teoria da interpelação ideológica, talvez o contributo althusseriano de impacto mais duradouro na teoria social.⁶ Para Althusser, a ideologia não é simplesmente um conjunto de ideias ou representações falsas; é uma prática material que interpela os indivíduos como sujeitos — que os constitui como sujeitos ao convocá-los a se reconhecerem numa identidade. "Você, aí!", é o gesto paradigmático da interpelação: ao responder ao chamado, o indivíduo se constitui como sujeito livre, responsável, autônomo —, mas essa liberdade é precisamente a forma pela qual a ideologia dominante assegura a sujeição (Althusser, 2007). A escola é um dos aparelhos privilegiados dessa interpelação: é nela que os futuros trabalhadores aprendem a se reconhecer como sujeitos livres que voluntariamente ocupam os lugares que a divisão social do trabalho lhes reserva.

HOBSBAWM LENDO ALTHUSSER: UMA RADIOGRAFIA HISTORIOGRÁFICA

As menções de Hobsbawm a Althusser em *Como Mudar o Mundo* não são numerosas, mas são incisivas. Distribuídas em contextos argumentativos distintos, elas compõem um diagnóstico historiográfico que merece ser analisado não apenas em seus enunciados explícitos, mas em suas implicações teóricas e políticas.

A primeira ocorrência significativa insere-se na discussão sobre os *Grundrisse*. Ao analisar a recepção desses textos, Hobsbawm observa que autores como Althusser, com formação que o historiador qualifica como "francamente insuficiente na literatura marxista", por vezes "desencadeavam veementes polêmicas teóricas marxistas" (Hobsbawm, 2011, p. 107) a partir de leituras parciais ou descontextualizadas dos textos clássicos. O que está em jogo nessa observação vai

⁶A teoria da interpelação ideológica constituiu, de fato, uma das contribuições althusserianas de maior fertilidade para além do marxismo stricto sensu. Os estudos culturais britânicos — especialmente Stuart Hall — apropriaram-se seletivamente dessa teoria para pensar a constituição de identidades em formações sociais capitalistas avançadas. O próprio conceito de "sujeito interpelado" permeou décadas de reflexão em teoria política, psicanálise e teoria feminista.

além de uma crítica *ad hominem*: Hobsbawm aponta para um fenômeno estrutural do marxismo ocidental, qual seja, a dissociação entre a sofisticação filosófica das novas leituras e o domínio das fontes primárias que lhes seriam necessárias. Há, aqui, um elemento de ironia histórica que merece ser sublinhado: a operação althusseriana por excelência consiste em ler Marx de forma rigorosamente filosófica, recusando as leituras empiristas que obscureceriam a estrutura conceitual da obra madura; que o principal operador dessa "leitura sintomática" seja criticado, precisamente, por insuficiência de leitura, constitui um paradoxo que a crítica hobsbawniana não desenvolve explicitamente, mas que é possível extrair de seu texto.

A segunda passagem é, talvez, a de maior relevância para a análise educacional. Ao examinar a recepção de Gramsci na América Latina, Hobsbawm afirma que "na década de 1960, a popularidade de Althusser na América Latina bloqueou em grande parte o caminho de Gramsci" (Hobsbawm, 2011, p. 322). Essa observação, enunciada *en passant*, condensa um problema histórico de considerável complexidade. As razões desse bloqueio são múltiplas. No campo estritamente teórico, o althusserianismo oferecia às ciências sociais latino-americanas um conjunto de instrumentos analíticos de grande poder aparente: a teoria dos AIE, o conceito de sobredeterminação, a noção de formação social como articulação de modos de produção. Esses instrumentos pareciam capazes de fundar uma análise estrutural do capitalismo periférico que prescindisse do recurso à subjetividade histórica — e, portanto, às mediações políticas e culturais que Gramsci havia situado no centro de sua reflexão. No campo político, o contexto das ditaduras militares que varreram a América Latina nos anos 1960 e 1970 criava condições específicas para a recepção de um marxismo que deslocava o peso analítico das práticas políticas concretas para as estruturas ideológicas e econômicas.

Hobsbawm situa Althusser como o "talentoso filósofo marxista francês" que "chegou ao apogeu por volta de 1965–75", acrescentando que "o período dessa popularidade internacional é significativo em si" (Hobsbawm, 2011, p. 329). O período 1965–1975 coincide com a publicação de *Pour Marx* e *Lire le Capital* (ambos de 1965), com o Maio de 1968 e com uma crise de legitimidade do PCF que obrigava seus intelectuais a reformular o referencial teórico do partido sem romper com ele. Hobsbawm, ao afirmar que o período em si é significativo, está sugerindo que a popularidade de Althusser era, em larga medida, uma resposta a demandas históricas

específicas que, uma vez modificadas, deixariam de sustentar esse mesmo entusiasmo. Trata-se de um argumento de forte teor sociológico: a filosofia althusseriana é inteligível, em sua influência, não apenas por suas qualidades intrínsecas, mas pelas necessidades históricas que momentaneamente satisfaz.

A crítica mais substantiva de Hobsbawm ao althusserianismo concentra-se no que denomina de teoricismo. O historiador descreve como os althusserianos passaram a tratar *O Capital* "como se o livro fosse basicamente uma obra de epistemologia" e como essa tendência culminou na "breve moda" de algo descrito como "prática teórica" — um conceito pelo qual a filosofia chegou a "substituir a prática" (Hobsbawm, 2011, p. 330). A crítica hobsbawniana ao teoricismo tem uma genealogia precisa no debate marxista. E. P. Thompson, em *A Miséria da Teoria* (1981), havia levado essa crítica a seu ponto de máxima intensidade, acusando Althusser de construir um sistema filosófico fechado, imune à evidência histórica e incapaz de dar conta da agência humana e da experiência vivida das classes trabalhadoras (Thompson, 1981). A posição de Hobsbawm é mais matizada: ele não nega a relevância do trabalho teórico, mas insiste na necessidade de sua articulação com a análise histórica concreta.

É relevante, nesse contexto, confrontar essa crítica com a autocrítica do próprio Althusser. Em *Elementos de Autocrítica* (1974), o filósofo francês reconheceu o desvio "teoricista" de suas obras anteriores, em particular a tendência a apresentar a teoria marxista como um sistema científico autossuficiente, separado de suas determinações políticas e ideológicas. Essa autocrítica não é simplesmente a capitulação de Althusser diante de seus críticos: é a tentativa de reformular o projeto filosófico a partir de bases mais adequadas, preservando o núcleo da crítica ao humanismo teórico enquanto reconhecia os excessos do formalismo estruturalista. O problema de Althusser como intelectual partidário também mereceu atenção de Hobsbawm: embora fosse membro do PCF, Althusser "em geral não era visto como 'representante' do partido" pelos interlocutores internacionais que debatiam sua filosofia (Hobsbawm, 2011, p. 333). Para Gramsci, o intelectual orgânico definia-se precisamente pela articulação entre elaboração teórica e organização política (Gramsci, 2000).⁷ No caso de Althusser, a filosofia operava num registro que

⁷A distinção gramscinana entre intelectuais orgânicos e intelectuais tradicionais é desenvolvida nos Cadernos do Cárcere, especialmente no caderno 12. Para Gramsci, todo grupo social que surge no terreno da produção cria para si, organicamente, intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência

transcendia as determinações imediatas da linha política do partido, anunciando a emergência de um novo tipo de intelectual marxista: aquele cujo marxismo é, fundamentalmente, acadêmico.

A questão retórica com que Hobsbawm encerra sua avaliação de Althusser — "Alguém espera hoje uma nova voga de Althusser? Ou de Spengler, por que não?" (Hobsbawm, 2011, p. 342) — oferece um critério implícito de relevância teórica: a capacidade de gerar instrumentos analíticos que permaneçam operativos para além das condições históricas que os produziram. Essa avaliação, porém, é ela própria historicamente situada. O "esquecimento" de Althusser que Hobsbawm diagnostica é mais questionável do que sugere: a teoria dos AIE continua sendo uma referência central nas análises sobre educação e reprodução ideológica; a teoria da interpelação ideológica alimentou décadas de reflexão nos campos dos estudos culturais, da teoria política e da psicanálise lacaniana aplicada ao social. O que Hobsbawm denomina de esquecimento pode ser, na realidade, uma transformação: a dissolução do althusserianismo como escola filosófica e a absorção de seus instrumentos mais produtivos por tradições teóricas que os recontextualizaram.

ALTHUSSER NO BRASIL: RECEPÇÃO, CRÍTICA E CAMPO EDUCACIONAL

A chegada de Althusser ao Brasil deu-se num contexto histórico de alta densidade política. Os anos 1970 viram a simultânea expansão do sistema universitário — como parte do projeto desenvolvimentista da ditadura civil-militar — e a intensificação da repressão às organizações políticas de esquerda. Para uma geração de intelectuais que buscava referenciais teóricos capazes de articular a crítica do capitalismo com a análise das condições específicas do Brasil, o althusserianismo oferecia um conjunto de ferramentas analíticas que pareciam suprir essa demanda: uma teoria da ideologia, uma análise do papel do Estado na reprodução do capital, e uma epistemologia que fundamentava a cientificidade do marxismo contra as acusações de dogmatismo.

A teoria dos AIE teve uma recepção particularmente intensa no campo educacional, na medida em que oferecia uma explicação rigorosa para o paradoxo da

de sua própria função no campo econômico, social e político. O intelectual orgânico da burguesia é aquele que organiza sua hegemonia; o da classe operária é aquele que fomenta a contrahegemonia.

escola numa sociedade capitalista: como é possível que uma instituição que proclama a neutralidade e a universalidade do conhecimento funcione, na prática, como mecanismo de reprodução da desigualdade social? A resposta althusseriana — a escola é um AIE que reproduz as relações de produção capitalistas sob a aparência da transmissão cultural — tinha a virtude da clareza e do poder explicativo; e tinha, ao mesmo tempo, o defeito do determinismo estrutural, que tendia a apresentar a escola como um aparelho irremediavelmente submetido aos interesses da classe dominante, com pouco espaço para a resistência e a transformação.

É precisamente contra esse determinismo que se forjou a crítica mais influente da tradição educacional crítica brasileira. Dermeval Saviani, em *Escola e Democracia* (2009), denomina de "teorias crítico-reprodutivistas" o conjunto de perspectivas — Bourdieu e Passeron, Baudelot e Establet, Althusser — que, embora críticas da escola capitalista, compartilham a incapacidade de formular uma pedagogia transformadora. Para Saviani, essas teorias são críticas na medida em que revelam a função reprodutiva da escola, mas reprodutivistas na medida em que não conseguem concebê-la como terreno de contradição e luta (Saviani, 2009). A Pedagogia Histórico-Crítica que Saviani propõe como alternativa procura superar esse impasse ao tomar como ponto de partida não a determinação estrutural, mas a historicidade das relações entre educação e sociedade.⁸

Gaudêncio Frigotto oferece, em *A Produtividade da Escola Improdutiva* (1984), uma crítica convergente a partir de um ângulo diferente. Para Frigotto, a abstração teoricista que caracteriza tanto o althusserianismo quanto o funcionalismo sociológico impede a compreensão das mediações concretas entre a base material da sociedade capitalista e os processos educativos (Frigotto, 1984).⁹ A crítica frigottiana não é de rejeição da teoria, mas de exigência de que a teoria demonstre sua pertinência na análise das condições históricas específicas — o que remete, paradoxalmente, à mesma exigência que Hobsbawm formula contra o teoricismo

⁸A Pedagogia Histórico-Crítica proposta por Saviani articula a teoria marxista do conhecimento com a pedagogia socialista, superando tanto o espontaneísmo quanto o diretivismo pedagógico. Seus cinco momentos didáticos — prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final — expressam uma concepção dialética de aprendizagem que não abandona o papel do conhecimento sistematizado, ao mesmo tempo que o insere na contradição social concreta.

⁹Frigotto desenvolve, em *A Produtividade da Escola Improdutiva*, uma análise do capital humano como categoria ideológica que mistifica a relação entre educação e trabalho, apresentando como natural e neutra uma articulação que é, na realidade, determinada pelas necessidades de reprodução ampliada do capital. A escola, nessa perspectiva, é produtiva para o capital precisamente na medida em que é improdutiva para a emancipação dos trabalhadores.

althusseriano, a partir de uma perspectiva epistemológica distinta. Esse paralelismo entre o historiador britânico e o educador brasileiro não é fortuito: ambos estão reagindo, por caminhos distintos e a partir de tradições diferentes, ao mesmo desvio estruturalista que transforma a teoria num sistema fechado sobre si mesmo.

A Marilena Chauí cabe ainda um papel nesse quadro: em *O Que é Ideologia* (2008), a filósofa brasileira articula a crítica althusseriana da ideologia com a tradição gramsciana, produzindo uma síntese que evita tanto o determinismo estruturalista quanto o voluntarismo político. Sua análise da ideologia como "conjunto de representações e normas de conduta" que serve a interesses de classe específicos sem que os sujeitos se apercebam disso (Chauí, 2008, p. 43) prolonga e matiza o argumento althusseriano ao introduzir a dimensão da vivência e da experiência histórica que o estruturalismo tendia a suprimir.

A ATUALIDADE DOS AIE E A MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

A questão que permanece aberta, e que constitui o horizonte crítico de todo o percurso analítico anterior, é a da atualidade do pensamento althusseriano para a análise educacional contemporânea. Num contexto marcado pela mercantilização acelerada do ensino, pela privatização dos sistemas públicos, pela penetração do capital financeiro nas redes educativas e pela reorganização dos aparatos educativos segundo a lógica gerencial do capitalismo flexível, os instrumentos analíticos que Althusser forjou — ainda que necessitando de revisão e atualização — conservam uma pertinência que não pode ser descartada.¹⁰

A ideia de que a escola é um aparelho de reprodução ideológica; que o currículo, a avaliação e a gestão pedagógica são formas historicamente determinadas de inculcação das disposições que o capital necessita; que os sujeitos escolares são constituídos por práticas ideológicas que naturalizam a desigualdade — tudo isso permanece como horizonte crítico indispensável para a compreensão do que está em jogo na educação contemporânea. A penetração das fundações corporativas nos

¹⁰A noção de "mercadoria-educação" articula a crítica althusseriana aos AIE com a teoria do valor de Marx. Se a escola é um aparelho ideológico que reproduz as relações de produção, numa fase de financeirização do capitalismo ela se torna também um setor de valorização direta do capital — o que impõe uma dupla determinação: ideológica e econômica — que o conceito althusseriano, em sua formulação original, não contemplava adequadamente.

sistemas públicos de ensino, a adoção de sistemas de avaliação padronizados oriundos do setor privado e a introdução de mecanismos de gestão gerencial nas redes escolares constituem, do ponto de vista da teoria dos AIE, não uma simples reforma administrativa, mas uma reconfiguração dos dispositivos pelos quais o capital reproduz as condições ideológicas de sua própria dominação.

Esse argumento articula-se com a análise de Marx sobre a mercadoria em *O Capital* (2013): o processo de mercantilização da educação não apenas transforma a escola num setor de valorização do capital financeiro, mas opera, simultaneamente, uma transformação ideológica profunda — converte o direito à educação em serviço, o estudante em consumidor, o professor em prestador de serviços e o conhecimento em produto. Essa conversão ideológica é, precisamente, o terreno em que a teoria althusseriana da interpelação demonstra sua pertinência analítica: é pela via da naturalização dessas transformações — sua apresentação como evidentes, necessárias, inevitáveis — que o capital assegura a reprodução das relações de produção no setor educativo.

É aqui que a articulação entre Althusser e Gramsci — que Hobsbawm situa como alternativa ao bloqueio imposto pelo estruturalismo francês à tradição gramsciana na América Latina — demonstra sua fecundidade. A teoria gramsciana da hegemonia permite compreender que a escola não é apenas um aparelho de reprodução ideológica passiva: é também um terreno de disputa, no qual as classes subalternas podem, em determinadas condições históricas, construir contrahegemonia — uma visão de mundo alternativa que articule crítica da ordem existente com projeto de transformação social. A Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani representa, nessa perspectiva, exatamente essa tentativa de articulação: tomar a escola como terreno de disputa, sem ilusões sobre sua neutralidade, mas também sem abdicar da possibilidade de transformação.

O que precisa ser revisado, à luz das críticas de Saviani, Frigotto e do próprio debate internacional, é a tendência ao determinismo estrutural que esvazia a escola de contradição e os sujeitos de agência. A leitura produtiva de Althusser para a pesquisa educacional atual não é aquela que toma a teoria dos AIE como sistema fechado e autoevidente, mas aquela que a mobiliza como instrumento de análise crítica, articulada com outras tradições que permitem pensar, simultaneamente, a determinação estrutural e a possibilidade histórica da transformação. Trata-se, em

suma, de ler Althusser a contrapelo: extrair de sua filosofia os instrumentos que permitem desnaturalizar a ideologia dominante na educação contemporânea, enquanto se recusa a imobilidade analítica que o estruturalismo rígido impõe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso percorrido nestas páginas permite formular, em síntese, um balanço que resiste tanto à reabilitação acrítica quanto à liquidação sumária do pensamento althusseriano. A leitura de Hobsbawm sobre Althusser é, como se procurou demonstrar, uma fonte histórica de primeiro plano para a compreensão do lugar do filósofo francês na história do marxismo do século XX — com a ressalva necessária de que essa leitura é ela própria historicamente situada, produzida por um intelectual com opções teóricas e políticas determinadas que conformam os limites de sua perspectiva tanto quanto iluminam os de seu objeto.

A crítica hobsbawniana ao teorismo althusseriano tem o mérito de apontar para um limite constitutivo do estruturalismo: a tendência a transformar a teoria num sistema autorreferencial, incapaz de iluminar a prática histórica concreta. Esse limite, identificado por Hobsbawm no plano historiográfico, é o mesmo que Saviani e Frigotto identificam no plano educacional — a incapacidade das teorias crítico-reprodutivistas de formular uma pedagogia transformadora. A convergência entre essas críticas, produzidas por intelectuais situados em tradições e contextos distintos, confere-lhes uma autoridade que não pode ser desconsiderada.

As contribuições de Althusser que permanecem operativas para a pesquisa educacional são, no entanto, igualmente precisas: a natureza material da ideologia, o papel dos aparatos institucionais na reprodução ideológica, a teoria da interpelação como dispositivo de constituição de sujeitos. Esses instrumentos, despojados de seus excessos estruturalistas e articulados com a tradição gramsciana e com a Pedagogia Histórico-Crítica, oferecem uma plataforma analítica de alta potência para a compreensão dos processos contemporâneos de mercantilização da educação — um fenômeno que, ao submeter a escola à lógica do capital financeiro, reproduz e aprofunda exatamente as determinações ideológicas que a teoria dos AIE descrevia.

A perspectiva benjaminiana de leitura "a contrapelo" aplica-se, aqui, de forma precisa. Ler Althusser a contrapelo não significa reificá-lo como sistema

acabado e autoevidente; significa extrair de sua filosofia os instrumentos que permitem desnaturalizar a ideologia dominante na educação contemporânea, enquanto se recusa a imobilidade analítica que o estruturalismo rígido impõe. A pergunta que Hobsbawm formula retoricamente — pode Althusser ainda ser lido com proveito? — deve ser respondida, no campo específico da pesquisa em educação, com um sim qualificado: sim, desde que a leitura seja crítica, historicamente situada e articulada com as tradições que corrigiram os excessos do estruturalismo sem abdicar das exigências de rigor analítico que Althusser, a seu modo, representou. É na tensão produtiva entre essas exigências que a pesquisa educacional crítica encontra seu fundamento epistemológico mais sólido.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Tradução Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- ALTHUSSER, Louis. **A favor de Marx**. Tradução Dirceu Lindoso. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- ALTHUSSER, Louis. **Elementos de autocrítica**. Tradução Virgínia Fontes. Lisboa: Portucalense, 1975.
- ALTHUSSER, Louis; BALIBAR, Étienne. Para ler **O capital**. Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental**. Tradução Marcelo Levy. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas, v. 1).
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista**. São Paulo: Cortez, 1984.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 2.
- HOBBSBAWM, Eric J. **Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011**. Tradução Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução Álvaro Pina. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política. Livro I**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 41. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.
- THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VILAR, Pierre. **Histoire marxiste, histoire en construction**: essai de dialogue avec L. Althusser. Annales: Économies, Sociétés, Civilisations, Paris, v. 28, n. 1, p. 165-198, 1973.